

A ética teológica cristã e o princípio misericórdia

Luiz Augusto de Mattos¹

Resumo: A ética teológica, vivenciada a partir do princípio da misericórdia, deve ser um jeito de se viver e conviver, um modo de ser e de se fazer presença na história, onde o cuidado, a moral samaritana, o afeto terno e fraterno, a comunhão e a reciprocidade se fazem presença real, verdadeira, justa e responsável. É preciso realizar uma reflexão no contexto de anti-vida, ou seja, onde a vida está sendo desfigurada, violentada, oprimida e excluída.

Palavras-chave: Ética teológica; Misericórdia; Anti-vida; Humanização.

Abstract: Theological ethics, lived from the principle of mercy, must be a way of life and a way to live with others, a way of being and making a presence in history, where care, morals of the Good Samaritan, tender and fraternal affection, communion and reciprocity make themselves a real, true, just and responsible presence. Reflection must be made considering all that is anti-life, that is, where life is disfigured, violated, oppressed and excluded.

Keywords: Theological ethics; Mercy; Anti-life; Humanization.

1. Doutorado em Teologia Moral pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (2000), mestrado em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (1984), mestrado em Teologia pelo Centro Universitário Assunção (2009). Possui graduação em Estudos Sociais e Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1976) e graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1981). Atualmente é professor do Instituto Teológico de São Paulo (ITESP) e na Universidade São Francisco (USF). Frei da Ordem de Santo Agostinho (Agostinianos).

A ética² teológica tem como preocupação preparar e cuidar da “morada habitável” em vista de que a vida dos seres humanos e de todos os seres vivos possa desfrutar o “bem-estar”, ou seja, a ética deverá promover uma vida que, cada vez mais, esteja num processo do viver sinais de vida libertada de tudo que a desumaniza. Isso desde uma perspectiva da ética cristã que tem como horizonte maior a *humanização*. De acordo com o que for vivenciado e testemunhado desde uma responsabilidade com a vida em qualquer nível, se estará revelando o Deus em que se crê, ou seja, uma “ética construída a partir do Deus humanizado e vivida de acordo com esse Deus é a única ética que hoje pode ser aceita e que pode humanizar este mundo tão desumano”³. E ainda, a ética deverá orientar, alavancar e fortalecer um estilo de vida de morar e de habitar a “morada” que seja condizente à vontade de Deus.

A ética cristã, como horizonte e norteamento da vida dos filhos e filhas do Pai, não poderá deixar de fomentar uma experiência do buscar o “rosto de Deus (Sl 27,8)”⁴. Em outras palavras,

Eis a grande tarefa para a Moral cristã: buscar o ‘rosto de Deus’. [...] [E entendendo que a] ‘fé em Deus e o comportamento moral são duas grandezas indissociáveis unidas na vida daquele que crê’. Não somente coexistem, mas mutuamente se condicionam e se constroem. A essa relação cabe a sabedoria do dito popular: ‘Diga-me que imagem de Deus tens e te direi que tipo de moral praticas’ e vice-versa: ‘Diga-me que moral vives e te direi que ideia de Deus tens’⁵.

2. “A raiz grega da palavra ética sugere a imagem de morada. Como já J. L. L. Aranguren, o ethos grego em seu primeiro e mais antigo emprego ‘significava residência, morada, lugar onde se habita. Empregava-se, primeiramente, sobretudo em poesia, com referência aos animais, para aludir aos lugares onde se criam e se encontram, e aos lugares de seus pastos e guaridas. Depois aplicou-se aos povos e aos homens no sentido de seu país”. Marciano VIDAL, *Nova moral fundamental - O lar teológico da Ética*, 2003, p. 11.
3. José Maria CASTILHO, *A ética de Cristo*, 2010, p. 35.
4. Marciano VIDAL, *op. cit.*, p. 23-24.
5. *Idem*, p. 24.

E essa experiência na trilha cristã demanda de todos experienciar e testemunhar que “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai”⁶. Nesse sentido, torna-se impossível querer viver o Seguimento de Jesus distante de um fazer a vontade de Deus que não passe pela prática da misericórdia.

A misericórdia tem que ser vivenciada na busca do “rosto de Deus” na vida, na história, na luta e no sonho dos filhos e filhas de Deus. Sobretudo onde a vida está sendo desfigurada, violentada, oprimida e excluída. O “rosto de Deus” é encontrado preferencialmente numa experiência junto aos milhões de rostos que gritam por solidariedade, afeto, justiça, cuidado, vale dizer, Deus é encontrado na misericórdia com os sofredores em uma situação de anti-vida (Mt 25) – O *outro* é mediação para um encontro com Deus. Situação de anti-vida construída e atravessada por uma ordem sistêmica capitalista neoliberal, por uma cultura-mundo narcísica e uma sociedade onde o fascismo social, os poderes idolátricos e o risco de destruir um processo democrático se fazem presentes na atual civilização. É contextualizada nessa realidade que a ética teológica deverá ter como compromisso a defesa e promoção na perspectiva do princípio da misericórdia.

Partindo das premissas apresentadas acima é que se procurará refletir a respeito da ética teológica a partir do princípio da misericórdia. Mas antes de realizar essa reflexão será analisado o contexto de anti-vida e, em seguida, o que entender por misericórdia à luz do Deus de Jesus.

1. O contexto de anti-vida e a misericórdia

A atual sociedade vem sendo atravessada por uma onda de ódio, injustiça, violência, insensibilidade e intolerância por todos os lados. Todos os dias ouvem-se notícias sobre desemprego, pauperização do povo, homofobia, misoginia, xenofobia, racismo, violência sexual e violência contra imigrantes e minorias étnicas, nordestinos no caso do Brasil, assassinatos de moradores

6. FRANCISCO, *Misericordiae vultus - Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*, 2015, n. 1. A partir daqui: MV.

de rua, sem-teto e sem-terra. Os direitos humanos, sociais e ecológicos são desrespeitados. Um contexto de maldade e descuido à vida do outro. O *outro* é a categoria dos marginalizados, inferiorizados, explorados, descartados, excluídos, e que por isso sofrem humilhação, descuido e injustiça social. Também ocorre uma política de responsabilizar, culpabilizar, criminalizar e desqualificar esses que são “os últimos da sociedade”, como se fossem os responsáveis pela situação social de imoralidade, caos e instabilidade; como também existe uma prática de combater a esse outro em nome da ordem e da paz, da tradição e da segurança. Faz-se do outro ou do diferente um “absoluto estranho” e perigoso, um imoral e desprezível.

O traço marcante que favorece a intolerância e a injustiça em alguns países, sobretudo nos neocolonizados, explorados e empobrecidos, e que se constitui em práticas de violência, de cinismo, de desrespeito, de maltratos, de mercantilização e de exclusão, tem a ver com o modo de relativizar, mercantilizar e desqualificar a vida humana e a vida de todos os seres vivos. Tudo contribuindo para uma desumanização e uma barbárie que assusta e preocupa na atual civilização.

Para compreender as razões que norteiam, legitimam e promovem essa situação de anti-vida é preciso compreender alguns fatores determinantes que são responsáveis pela atual configuração societária.

Um *primeiro fator* é a política ultraliberal mundializada pelo **Capitalismo neoliberal**. Com o neoliberalismo fica difícil (não impossível para o pensamento alternativo!) viabilizar um mundo onde as pessoas sejam respeitadas em sua dignidade e em seus direitos fundamentais. Para alguns imaginar um mundo onde a vida seja preservada com justiça tornou-se uma “heresia”⁷. Ademais, os neoliberais não aceitam “os direitos que justificam a redistribuição da riqueza ou a intervenção no mercado em nome da justiça social”⁸. E a partir de um culto idolátrico ao Capital, a vida das pessoas e da natureza fica subordinada à maximização da eficiên-

7. Jung MO SUNG, *Idolatria do dinheiro e direitos humanos - Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo*, 2018, p. 23.

8. *Idem*, p. 89-90.

cia econômica, a uma profunda financeirização e a desenfreada acumulação do capital por uns poucos. Por isso, pode-se afirmar que o mundo está vivendo

[...] em um tempo em que a competição entre dois princípios de distribuição da economia política, a justiça do mercado e a justiça social, estão em confronto aberto e agudo. E a balança está pendendo para o lado da justiça do mercado. O neoliberalismo tem vencido as batalhas nas últimas décadas e tornou-se o modo hegemônico de pensar, de sentir e até de sonhar os sonhos diuturnos na atual globalização capitalista. Com a negação dos direitos fundamentais inalienáveis de seres humanos, o neoliberalismo faz do mercado a única lógica para organizar a vida na sociedade e da justiça do mercado o princípio ético dominante⁹.

Todo trabalho de organização e mobilização em favor da justiça social, visando um mundo social mais justo, é deslegitimado, perseguido e combatido. Como afirma o sociólogo Jessé Souza:

Parece ironia, mas é a pura verdade. Tudo o que foi inventado nos últimos duzentos anos em termos de reflexão crítica e de luta política radical da contracultura acabou engolido pelo capitalismo, mastigado e depois cuspidos de volta em outros termos e com outros objetivos: o lucro máximo e infinito. A criatividade deixa de ser a invenção radical de uma vida nova e agora é utilizada a favor da maior lucratividade empresarial. Como nas empresas os fins já estão dados - maximizar o lucro no mercado -, tudo se torna meio e instrumento para esse objetivo (inclusive a vida humana)¹⁰.

Um segundo fator é o **Estado pós-democrático**. Numa civilização atravessada pelo poder “absoluto” e totalitário do mercado financeiro, o qual em nome de uma política em prol da financeiri-

9. *Idem*, p. 108-109.

10. Jessé SOUZA, *A classe média no espelho - Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*, 2018, p. 53-54.

zação de tudo relativiza a vida de todos os seres vivos do planeta e do próprio planeta, a democracia com seus valores não é bem-vinda. Vive-se apenas um simulacro da democracia! A função do Estado e da suposta democracia representativa é a de assumir uma parceria com o mercado, no intuito de minimizar as crises econômicas e subestimar as questões sociais, sobretudo do mundo dos pobres e excluídos.

A globalização neoliberal está em sintonia com um Estado pós-democrático e vice-versa. Contexto que favorece e alimenta um descompromisso com a vida e as causas dos sempre vulneráveis e descuidados, desprotegidos e violentados. O sofrimento dessas pessoas excluídas não impacta os que estão incluídos na ordem societária. Vemos, assim, a indiferença e a insensibilidade social, dos indivíduos integrados na lógica do mercado, em relação aos pobres, aos discriminados e aos excluídos. Fato que tem a sua raiz na negação da igual dignidade fundamental de todas as pessoas. A dignidade e a humanidade dos excluídos tornam-se ou são socialmente tornadas invisíveis aos olhos dos que veem o mundo a partir da narrativa mítica neoliberal e de uma cultura heterocentrada e elitista. Realidade que vem marcando atitudes e comportamentos de um setor da sociedade que demonstra ódio e intolerância.

Um *terceiro fator* diz respeito à **religião neoliberal do mercado**¹¹. Sem a dimensão religiosa fica complicado, em muitas situações, seguir maltratando e sacrificando vidas. Nesse sentido,

[...] podemos concordar que só uma causa sagrada – o sagrado é sempre sagrado para os que o assumem e não para os que estão vendo de fora – pode levar pessoas boas, ou pessoas não más, a fazer coisas más, ou ser simplesmente insensíveis ao sofrimento de inocentes causado por pessoas ou sistemas maus. Isso porque, no âmbito do sagrado ou no interior da lógica do sagrado, as diferenças entre o bem e o mal que estabelecemos pela razão humana na vida profana são apagadas, levadas a con-fusão (a fusão que elimina as diferenças) ou até mesmo invertidas. Diante do sagrado, os ar-

11. Cf. HINKELAMMERT, Franz. *La religión del mercado y los derechos humanos*. San José: Editorial Arkelin, 2017.

gumentos da razão ética humana não têm peso nem valor... Assim, pessoas consideradas boas – segundo o entendimento da razão humana – podem fazer coisas que essa mesma razão humana considera más, porque elas não estão agindo de acordo com a razão, mas segundo a lógica do sagrado. Por isso, o sagrado é sempre o ‘separado’. Nesse caso, separado do senso ético profano¹².

Essa análise ajuda a compreender porque pessoas de boa índole assumem a defesa de sistemas sociopolíticos iníquos, injustos, excluindo milhões de seres humanos e comprometendo o futuro da vida na Terra.

Acontece que o mercado por ser um ente supremo para a humanidade acaba sendo o fundamento último da (des) ordem social e planetária vigente. O mercado decide legitimamente sobre vida e morte. Não passa de um “deus” déspota legítimo e sanguinário – lógico, quando ele está a serviço de um capitalismo neoliberal parasitário, colonizador e excludente. Os sobrantes e os supérfluos são cotidianamente desconsiderados e prescindidos. Esses não são interessantes e tampouco imprescindíveis para o mercado totalitário.

Um último fator é a “cultura-mundo”¹³. A atual civilização está sendo dinamizada também por uma cultura que, cada vez mais, se globaliza. Cultura que se organiza a partir de polos estruturantes. Entre esses polos pode-se destacar: hipertecnificação, hiperindividualismo e hiperconsumo. Esses polos estão em constantes interações e respondem a uma mercadorização planetarizada. O problema dessa cultura-mundo, além dos aspectos positivos, é a generalização de uma barbárie, um niilismo radical por ter como grande motivação ou obsessão o dinheiro e o cálculo individualista dos próprios interesses. Uma cultura tendencialmente narcísica, e que tem como grande critério para a identidade pessoal o poder de consumo e do endividamento. O poder de endividar-se é um dos critérios máximos na construção da identidade pessoal e social – endividado-me, logo existo!

12. Jung MO SUNG, *op. cit.*, p. 142.

13. Cf. LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo - Resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

A preocupação é que essa cultura-mundo por estar sintonizada ou orientada pela política neoliberal faz um trabalho de reforçar e cultivar os parâmetros que condizem com a lógica do mercado. O que tem dificultado uma parcela da humanidade, sobretudo por aqueles integrados/incluídos na ordem sistêmica, a se preocupar com os sofrimentos da grande maioria dos seres humanos e com o futuro da vida na Terra. O individualismo cego às necessidades do outro, sobretudo do empobrecidos e vulneráveis, e a idolatria do consumo não contribuem para o cultivo e a promoção de valores fundamentais para a civilização atual.

No *caso brasileiro* há que ressaltar, no âmbito cultural, o chamado “**culturalismo racista e liberal conservador**”, que se apresenta como “teoria explicativa abrangente e totalizadora” a respeito das etnias, das classes sociais e de como se relacionam na tessitura social. E a população introjeta essa teoria através da educação e do modelo de convivência interpessoal, classista, institucional e social. O que ela legitima: a dominação da elite sobre o restante pobre da população; a justificativa dos privilégios de uns sobre outros; a naturalização da desigualdade social; o uso sistemático da violência como forma de humilhação, repressão, intimidação, discriminação em relação aos setores mais pobres da população. Tudo isso vem retratar a inegável intolerância do estrato elitista da sociedade brasileira em relação aos “sempre últimos”.

2. Deus e a misericórdia

Tratar da ética teológica, à luz do princípio da misericórdia, demanda impreterivelmente explicitar o que se entende por misericórdia. A misericórdia é uma palavra de origem da língua latina, “no seu significado original, quer dizer ter o coração (*cor*) com os pobres (*miseri*), sentir afeto pelos pobres”¹⁴.

A misericórdia é também a palavra que revela o mistério amoroso de Deus por todos os seus filhos e filhas. No Antigo e no Novo Testamento, Deus se apresenta em vários textos a sua miseri-

14. Walter KASPER, *A misericórdia - Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 2015, p. 36.

córdia. Nos Salmos 145 e 119, em Isaías 49,14-16 e em Os 11,1-8 é possível constatar esse lado materno, amoroso e compaixão de Deus. Lembra o papa Francisco:

‘Paciente e misericordioso’ é o binômio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus. O fato de ele ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas ações da história da salvação, onde a sua bondade prevalece sobre o castigo e a destruição. Os salmos, em particular, fazem sobressair esta grandeza do agir divino: ‘É ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as suas enfermidades. É ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e ternura’ (103 [102], 3-4). E outro salmo atesta, de forma ainda mais explícita, os sinais concretos da misericórdia: ‘O Senhor liberta os prisioneiros. O Senhor dá vista aos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama o homem justo. O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva, mas entrava o caminho aos pecadores’ (146[145], 7-9)... ‘O Senhor cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas. [...] O Senhor ampara os humildes, mas abate os malfeitores até o chão’ (147[146], 3. 6)¹⁵.

Assim, constata-se que Deus mostra compaixão, prontidão de ajuda e cominação. Afirma o teólogo Kasper: “Misericórdia... não é apenas expressão de uma complacência, mas de soberania, de liberdade, de independência e de senhorio. [...] Enquanto Deus é Deus, Ele é também misericordioso. Enquanto Deus é absoluto, Ele é igualmente misericordioso. A misericórdia é o seu ser absoluto”¹⁶. O ser Deus é manifestação na misericórdia que se concretiza pela sua fidelidade, justiça e compaixão!

No Novo Testamento, Deus é revelação na humanidade do Filho. Entre as parábolas cabe destacar, por exemplo, a do Pai amoroso e seus dois filhos (cf. Lc 15,11-32) e do Bom samaritano (cf. Lc 10,25-37). De acordo com Santo Tomás de Aquino, a misericórdia é a primeira propriedade de Deus.

15. MV n. 6.

16. Walter KASPER, *O desafio da misericórdia*, 2016, p. 16.

A afirmação ‘Deus é misericórdia’ significa que Deus tem um coração para os miseráveis. Ele não é um Deus, por assim dizer, nas nuvens, desinteressado pelo destino dos homens, mas justamente se deixa comover e tocar pela miséria do ser humano. Ele é um Deus compassivo, um Deus ‘simpático’... Por causa da sua perfeição absoluta Deus não se comove, mas por causa da sua soberania na caridade num sentido ativo e livre, deixa-se comover e tocar pela miséria do homem. Não existe paixão, mas existe compaixão em Deus¹⁷.

Em Jesus pode-se individuar o rosto misericordioso da Santíssima Trindade. Ele revela o mistério do amor na plenitude: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). A pessoa de Jesus

[...] não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram dele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo nele fala de misericórdia. Nele, nada há que seja desprovido de compaixão¹⁸.

Em Jesus a misericórdia é testemunhada como a força que favorece a reconciliação, que vence a situação de desamor e irradia aos corações a paz e comunhão. Nas parábolas da ovelha perdida, do pai misericordioso e da moeda perdida (cf. Lc 15,1-32) está claro a misericórdia do Pai. Pode-se dizer que a misericórdia é a palavra-chave para compreender o modo como Deus nos trata. Santo

17. *Idem*, p. 22.

18. *Idem*, p. 11-12. Kasper segue refletindo que em “todas as circunstâncias, o que movia Jesus era apenas a misericórdia, com a qual lia no coração dos seus interlocutores e dava resposta às necessidades mais autênticas que tinham. Quando encontrou a viúva de Naim que levava o seu único filho para sepultar, sentiu grande compaixão pela dor imensa daquela mãe em lágrimas e entregou-lhe de novo o filho, ressuscitando-o da morte (Lc 7,15). Depois de ter libertado o endemoninhado de Gerasa, confia-lhe esta missão: ‘Conta tudo o que o Senhor fez por ti e como teve misericórdia de ti’ (Mc 5,19)”.

Tomás de Aquino afirma: “É próprio de Deus usar misericórdia e nisto, especialmente, se manifesta sua onipotência”¹⁹.

[...] afirmar Deus como misericórdia não significa diminuí-lo, tirando-lhe poder ou afirmando nele algum tipo de fraqueza ou debilidade, mas significa reconhecê-lo como ele próprio se revelou. Sua característica de onipotência se dá por sua misericórdia, de tal maneira que, em linguagem simples, não diríamos que Deus pode qualquer coisa, mas que ele pode tudo aquilo que o Amor pode. Sua onipotência é seu Amor e, por isso, sua misericórdia²⁰.

3. A ética teológica e a misericórdia

Partindo do que foi refletido acima é fundamental compreender que à luz do mistério de Deus Pai misericordioso, a ética teológica cristã tem que ser vivenciada na trilha de uma moral da misericórdia²¹. Moral que se concretiza através de atitudes, comportamentos, opções e projetos de vida que apontam para uma humanidade reconciliada e recriada no amor de Deus.

Se Deus é misericórdia isso tem que transformar a vida dos seres humanos que professam a fé n'Ele. A misericórdia tem que unir Deus e os seres humanos! Assim, o “princípio fundamental da Bíblia para a vida do cristão soa dessa forma: ‘Sede imitadores de Deus’ (Ef 5,1). Somos chamados a imitar Deus. Neste sentido, Jesus disse: ‘Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito’ (Mt 5,48). O evangelista Lucas apresenta provavelmente

19. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica I-II*, q. 30, art. 4.

20. Antonio MANZATTO, *Jesus Cristo*, 2019, p. 68.

21. Afirma o papa Francisco: “a misericórdia é a maior de todas as virtudes: ‘Em si mesma, a misericórdia é a maior das virtudes; na realidade, compete-lhe debruçar-se sobre os outros e – o que mais conta – remediar as misérias alheias. Ora, esta é tarefa especialmente de quem é superior; é por isso que se diz que é próprio de Deus usar de misericórdia e, sobretudo, nisso se manifesta sua onipotência”. FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium - A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, 2013, n. 37.

o texto original: 'Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso' (Lc 6,36)²². E essa experiência do ser misericordioso tem que se fazer realidade diante do contexto de anti-vida que atravessa a atual civilização. Onde a vida está sendo violentada, discriminada, excluída, assassinada e em situação de vulnerabilidade é imprescindível, na perspectiva da ética, praticar a misericórdia. Como se afirma: "Jesus declara que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco"²³. E mais, diante do juízo fundamental será decisivo o que se viveu no caminho da misericórdia, ou seja,

[...] o amor a Deus e o amor ao próximo são inseparavelmente conexos (Mt 22,34-40). Ninguém pode amar a Deus sem amar o seu próximo (cf. 1Jo 4,20; 3,10-18). Eis a centralidade do sermão da montanha: 'Bem-aventurados os misericordiosos' (cf. Mt 5,7). No seu discurso sobre o juízo final, Jesus apresenta apenas um critério: o nosso comportamento com os famintos, os sedentos, os nus, os doentes, os prisioneiros... Porque nos pobres encontramos Jesus mesmo, e Ele nos reconhecerá quando o encontrarmos (cf. Mt 25,31-46)²⁴.

A ética teológica, vivenciada a partir do princípio da misericórdia, deve ser um jeito de se viver e conviver, um modo de ser e de se fazer presença na história, onde o cuidado, a moral samaritana, o afeto terno e fraterno, a comunhão e a reciprocidade se fazem presença real, verdadeira, justa e responsável. A necessidade, o desejo, o sonho e a luta do outro e da outra não são preteridos e nem descartados. Sobretudo do outro que clama por misericórdia devida a injustiça de ordem capitalista neoliberal, que "sangra" e oprime os corpos sempre descuidados, doentes, empobrecidos e desconsiderados. A religião neoliberal vive o cul-

22. Walter KASPER, *El desafío de la misericórdia*, 2016, p. 25.

23. MV n. 9.

24. Walter KASPER, *El desafío de la misericórdia*, 2016, p. 25.

to que oferta a vida, os corpos de um povo que sempre sofreu a humilhação, a colonização, o imperialismo e a mercantilização da própria vida.

Viver a misericórdia não é uma opção, mas um *imperativo* para o *ethos* cristão. Imperativo vivenciado a partir de uma atitude fundamental perante o sofrimento alheio, em vista de erradicá-lo. Por trás da atitude está o grande “sonho” da mesa compartilhada na paz, na justiça e na alegria; ou seja, “enquanto não aparece na história a grande mesa fraternal do Reino de Deus, é preciso exercer a misericórdia, e isso – diz Jesus – produz gozo, alegria, felicidade”²⁵. E toda a práxis do ser humano, que prima pelo agir ético, deverá ser embasada, fundamentada e orientada pelo princípio misericórdia. Numa situação de anti-vida, onde a vida humana, a vida de todos os povos, a natureza e o planeta sofrem pela injustiça, barbárie, a destruição, viver a misericórdia é testemunhar uma virtude imprescindível e incomparável, sublime e sagrada! Viver a misericórdia é estar numa vida orientada para o seguimento de Jesus.

A misericórdia não é a única coisa que Jesus exercita, mas é o que está em sua origem e o que configura toda a sua vida, sua missão e seu destino... o sofrimento das maiorias, dos pobres, dos fracos, dos privados de dignidade sempre aparece como pano de fundo de atuação de Jesus, e diante dele se lhe comovem as entranhas. E é essas entranhas comovidas que configuram tudo o que ele é: seu saber, seu esperar, seu agir e seu celebrar²⁶.

Se o Senhor da vida e da história rege-se pelo princípio fundamental da misericórdia, não resta outra senda à vida ético-cristã que não seja reger-se pelo mesmo princípio. E aí se dá o grande desafio do encontro ou convergência entre a ética teológica e o princípio da misericórdia: se a ética passa pelo ouvir o clamor do que sofre, esse ouvir se faz realidade na experiência

25. Jon SOBRINO, *O princípio misericórdia - Descer da cruz os povos crucificados*, 1994, p. 37.

26. *Ibidem*.

da misericórdia, necessariamente ética e misericórdia se fundem no compromisso em viver e fazer a vontade de Deus frente um contexto de anti-vida.

A ética teológica ao ir encontro de uma práxis que transforma a realidade de anti-vida, desde o princípio da misericórdia, favorece e promove, espera e defende, uma humanização de toda a realidade. Inclusive o próprio sujeito ético vive na própria vida a experiência de humanização; vale dizer, somos

[...] mais humanos à medida que nos tornamos mais misericordiosos. A misericórdia, também para o humano, não é afirmação de debilidade ou de fraqueza, mas da possibilidade de realizar-se como pessoa na concretização de suas potencialidades. Dito de outra forma, a misericórdia nos salva porque Deus age com misericórdia para conosco e, conforme agimos com misericórdia para com nossos semelhantes, nos tornamos mais humanos e somos salvos do mal, do pecado, do egoísmo e da solidão, porque acolhidos na vida divina, que é misericórdia²⁷.

E, além disso, ocorrerá também um processo de libertação da humanidade de tudo aquilo que não contribui para um mundo com presença dos sinais do Reino. Enfim, a misericórdia é caminho para uma transformação de toda a realidade²⁸.

27. Antonio MANZATTO, *op. cit.*, p. 69.

28. O teólogo Manzatto afirma: “A misericórdia... é o caminho escolhido por Deus para realizar a salvação da humanidade, mas será também o caminho que testemunhará no mundo a salvação acontecendo através dos atos de misericórdia realizados por aqueles que creem. Aí aparece a vida nova trazida por Deus para realizar-se já na história humana, uma vez que o ato salvífico de Deus produz um novo comportamento humano, não por obrigação, ainda que ética, mas por misericórdia. Nesse sentido, a ação humana misericordiosa não se constitui em mérito com vistas à salvação, mas como consequência do ato salvador de Deus que gera no humano novas relações, novos comportamentos. Inseridos na vida nova de Deus, que brota da ressurreição de Jesus, o humano é capaz de ações de misericórdia para com seus semelhantes. A misericórdia é maneira e caminho para fazer com que a salvação atinja toda a humanidade e se faça presente já em nossa história.”. *Idem*, p. 66.

Importante ter claro que a ética teológica, vivenciada a partir do princípio misericórdia, deverá fomentar compromissos que apontam para um recriar a vida humana e uma refundação de todo o contexto. Para isso, há que se trabalhar com critérios e metas, ideais e projetos, sonhos e esperanças, que incentivam e sustentam práticas consistentes diante dos desafios de uma realidade complicada. Um ouvir o clamor do pobre que não leva a ações concretas, por exemplo, de solidariedade e de justiça, para que serve ou a quem serve? Diante de tantas questões de desumanização, de omissão ou passividade, de barbárie e injustiça institucionalizada diante dos sofrendores, excluídos e insignificantes para a sociedade, a ética teológica misericordiosa obrigatoriamente tem que se alinhar à práxis libertadora. Nesse sentido, urge: cultivar um compromisso por uma civilização sustentável; reavivar e conservar a vitalidade e a diversidade planetária; construir uma aliança global que trabalhe pela emancipação da realidade Sul; ser solidariedade, respeito e cuidado com a comunidade dos seres vivos; não descuidar das dimensões da cidadania popular, da con-cidadania e viabilizar a cidadania ecológica e terrenal que Cuida da Casa Comum²⁹.

Conclusão

Frente a uma sociedade e um mundo onde a vida é mercantilizada, descartada e preterida, é necessário e urgente trabalhar por uma ética teológica da misericórdia: que busca o “rosto de Deus” no submundo da história; que dê sustentação a uma prática que visa superar os grilhões que aprisionam as vidas vulneráveis e empobrecidas a não terem futuro; que ilumina as mentes asfixiadas por uma religião e uma política neoliberais que anestesiam, desempoderam, imbecilizam e levam à indolência a maioria do povo; que tenha lucidez crítica diante de uma sociedade onde os últimos serão sempre os últimos em todos os aspectos da vida.

29. Cf. BOFF, Leonardo. *Brasil - Concluir a refundação ou prolongar a dependência?*. Petrópolis: Vozes, 2018.

Referências

- BOFF, Leonardo. *Brasil - Concluir a refundação ou prolongar a dependência?*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- CASTILHO, José Maria. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium - A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.
- _____. *Misericordiae vultus - Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2015.
- HINKELAMMERT, Franz. *La religión del mercado y los derechos humanos*. San José: Arkelin, 2017.
- KASPER, Walter. *A misericórdia - Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola 2015.
- _____. *El desafío de la misericórdia*. Bilbao: Sal Terrae, 2016.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo - Resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MANZATTO, Antonio. *Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- MO SUNG, Jung. *Idolatria do dinheiro e direitos humanos - Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo*. São Paulo: Paulus, 2018.
- SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia - Descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SOUZA, Jessé. *A classe média no espelho - Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. São Paulo: Sextante, 2018.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia, I-II*. São Paulo: Loyola, 2005.
- VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental - O lar teológico da Ética*. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2003.